

DAS RUGOSIDADES DO COLISEU À HIPERMEDIAÇÃO DAS ARENAS: UMA RELEITURA DO FUTEBOL SOB A ÉGIDE DA GEOGRAFIA CULTURAL

From the Roughness of the Colosseum to the Hypermediation of the Arenas: A Reinterpretation of Football under the Aegis of Cultural Geography

Cássio Alexandre da Silva

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1686-1457>

cassio.silva@unimontes.br

Ramon Rodrigues Soares

Graduado e Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-1650-1997>

ramonsoares95@yahoo.com.br

Rahyan de Carvalho Alves

Doutor e Mestre em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7225-5959>

rahyan.alves@unimontes.br

Vanessa Tamiris Rodrigues Rocha

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8223-2785>

vanessatamiris@gmail.com

Artigo recebido em outubro/2025 e aceito em fevereiro/2026

RESUMO

O artigo demonstra como a metamorfose dos estádios em arenas multiuso reconfigura as espacialidades e a experiência do torcer na contemporaneidade. Para tanto, adotou-se como procedimento metodológico a revisão bibliográfica, fundamentada em autores como Da Matta (1982), Brunet (1993), Mascarenhas (2005), Garraffoni (2008), Claval (2011), Straubhaar (2013), Ferreira (2017), Souza (2019) e Granetto e Feitosa (2022). A pesquisa foi desenvolvida por meio da leitura de livros e artigos científicos disponíveis em bibliotecas virtuais, utilizando os descritores: geografia, categorias geográficas, cultura, geografia cultural, esporte e futebol. Parte-se do entendimento de que a Geografia, enquanto ciência dedicada à análise do espaço, apresenta amplo campo interpretativo, abrangendo diferentes vertentes e especialidades, entre as quais se destaca a Geografia Cultural. Nesse sentido, considera-se que a cultura futebolística no Brasil constitui um relevante campo de interpretação social, em razão de sua ampla difusão e presença em diferentes porções do território, evidenciando as relações históricas entre o espetáculo esportivo e a organização da sociedade. Assim, ressalta-se o potencial analítico do futebol para os estudos geográficos, bem como a estreita articulação entre a Geografia Cultural e o fenômeno futebolístico.

Palavras-chave: Futebol; Geografia Cultural; Cultura Futebolística.

ABSTRACT

This article demonstrates how the metamorphosis of stadiums into multi-purpose arenas reconfigures spatialities and the experience of fandom in contemporary times. To this end, a bibliographic review was adopted as the methodological procedure, based on authors such as Da Matta (1982), Brunet (1993), Mascarenhas (2005), Garraffoni (2008), Claval (2011), Straubhaar (2013), Ferreira (2017), Souza (2019), and Granetto and Feitosa (2022). The research was developed through the reading of books and scientific articles available in virtual libraries, using the descriptors: geography, geographical categories, culture, cultural geography, sport, and football. It starts from the understanding that Geography, as a science dedicated to the analysis of space, presents a broad interpretative field, encompassing different aspects and specialties, among which Cultural Geography stands out. In this sense, football culture in Brazil is considered a relevant field of social interpretation, due to its wide diffusion and presence in different parts of the territory, highlighting the historical relationships between the sporting spectacle and the organization of society. Thus, the analytical potential of football for geographical studies is emphasized, as well as the close articulation between Cultural Geography and the football phenomenon.

Keywords: Football; Cultural Geography; Football Culture.

1. INTRODUÇÃO

O futebol assume ampla relevância no contexto social, extrapolando a condição de mero esporte para se afirmar como expressão artística e cultural. Nessa perspectiva, apresenta um sentido polissêmico, manifestando-se de distintas formas nos recortes espaciais, tanto em termos de verticalidade, nos âmbitos local e regional, quanto de horizontalidade, em escala universal.

A Geografia, enquanto ciência que se dedica ao estudo do espaço e dos fenômenos que nele se materializam, pode apropriar-se da lógica espacial que permeia o universo futebolístico. Ademais, são múltiplas as possibilidades analíticas no âmbito da dimensão espacial do futebol, dentre as quais se sobressai a dimensão espaço-cultural (Mascarenhas, 2005).

Os objetos futebolísticos passíveis de análise geográfica revelam-se igualmente plurais, uma vez que estádios, torcidas, bares, clubes, entre outros, desempenham papéis singulares na consolidação da cultura do futebol em suas distintas escalas de manifestação. À luz das reflexões de Brunet (1993), segundo as quais cada lugar possui um significado próprio, os estádios podem ser compreendidos como lugares de memória, pois constituem fontes de identidade coletiva e de dinamização de atividades econômicas.

Os estádios reforçam o sentimento de pertencimento entre seus aficionados, ao mesmo tempo em que se afirmam como palcos de cristalização das representações coletivas e dos símbolos que se materializam nesses espaços memoráveis. A ponto que Ferreira (2017) expõe a existência de estádios

de futebol na qualidade de estruturas monumentais, de grande visibilidade na paisagem urbana, dotados de uma dimensão concreta e outra simbólica, palco de sensações topofílicas.

A partir dessas considerações, coloca-se a seguinte pergunta de pesquisa, que orienta o horizonte deste estudo: de que maneira a transformação dos estádios tradicionais em arenas multiuso reconfigura as espacialidades do futebol e a experiência cultural do torcer na contemporaneidade, à luz da Geografia Cultural? Isto posto, tal estudo objetiva refletir sobre o caráter geográfico do futebol, com ênfase em sua dimensão cultural.

Embora existam importantes contribuições sobre o futebol no âmbito das Ciências Sociais e, mais recentemente, no campo da Geografia, observa-se que ainda são poucas as análises que o atribuem a Geografia Cultural. Grande parte da literatura tende a privilegiar abordagens sociológicas, econômicas ou políticas do fenômeno, ou ainda análises arquitetônicas isoladas, sem aprofundar suas implicações simbólicas e espaciais.

Nesse sentido, este trabalho propõe uma releitura do futebol a partir da Geografia Cultural, buscando interpretar a metamorfose dos estádios em arenas multiuso não apenas como um processo de modernização arquitetônica, mas como uma reconfiguração das experiências de pertencimento, das práticas territoriais e das formas de apropriação simbólica do espaço futebolístico.

A relevância da pesquisa reside, portanto, em ampliar o diálogo entre futebol e Geografia Cultural, consolidando o espetáculo esportivo como objeto legítimo de investigação geográfica e reforçando o potencial analítico das categorias culturais na compreensão das transformações contemporâneas do espaço.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, conduzida de forma sistematizada, com abordagem qualitativa, voltada à identificação, seleção, análise e síntese de produções acadêmicas relacionadas à dimensão cultural do futebol sob a perspectiva da Geografia Cultural. O recorte temporal adotado compreende obras publicadas entre 1980 e 2022, período que abrange tanto textos fundamentais para a consolidação da Geografia Cultural e dos estudos sociais do futebol quanto produções vinculadas às transformações contemporâneas do espaço geográfico e do espetáculo esportivo.

A busca bibliográfica foi realizada nas plataformas *Google Scholar* e *SciELO*, utilizando-se, de forma isolada e combinada, os seguintes descritores: geografia, categorias geográficas, cultura, geografia cultural, esporte e futebol. A seleção das obras seguiu critérios objetivos de inclusão e exclusão previamente definidos.

Foram incluídos: (a) trabalhos clássicos e contemporâneos da Geografia Cultural; (b) produções

acadêmicas que abordam o futebol ou o esporte como fenômeno social, cultural ou espacial; (c) textos com reconhecida relevância teórica na literatura científica; (d) publicações disponíveis integralmente em bases digitais confiáveis; e (e) trabalhos publicados em português, espanhol ou inglês.

Foram excluídos: (a) textos sem relação direta com a dimensão cultural ou espacial do futebol; (b) produções de caráter exclusivamente jornalístico ou opinativo; (c) materiais sem autoria identificada ou sem vinculação institucional; e (d) obras repetidas ou com contribuições teóricas redundantes.

O processo metodológico foi estruturado em etapas analíticas sequenciais. Inicialmente, realizou-se o levantamento e a triagem das produções a partir dos descritores definidos, com leitura de títulos, resumos e palavras-chave para aplicação dos critérios estabelecidos. Em seguida, procedeu-se à leitura integral das obras selecionadas, com identificação e categorização dos conceitos centrais e das categorias geográficas mobilizadas, configurando uma análise temática. Posteriormente, realizou-se a comparação conceitual entre os autores, buscando convergências, divergências e complementaridades em relação às noções de espaço, cultura, lugar, paisagem e territorialidade. Por fim, desenvolveu-se uma síntese interpretativa e análise crítica, articulando as contribuições teóricas ao problema de pesquisa, com ênfase na transformação dos estádios tradicionais em arenas multiuso e seus impactos sobre as espacialidades do futebol.

A partir desses procedimentos, constituiu-se um quadro analítico sistematizado que fundamenta a discussão apresentada nas seções seguintes.

3. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO GEOGRÁFICO NA CONTEMPORANEIDADE

Na Geografia, o estudo e a compreensão do espaço inserido no contexto social contemporâneo passam a envolver uma multiplicidade de atores e agentes, ampliando significativamente suas possibilidades de produção e interpretação. O espaço representa uma construção dinâmica, resultante da articulação entre a organização natural e as ações humanas, manifestando-se por meio de múltiplas espacialidades que coexistem e se transformam continuamente.

Para Polon (2016, p. 83):

No contexto contemporâneo da Ciência Geográfica é convencional que o espaço geográfico seja referenciado enquanto conceito primordial das abordagens, sendo considerado por vários autores como o objeto da Geografia. As análises, no entanto, não se esgotam no conceito em questão, mas se ampliam no sentido de compreender os territórios, a região, os lugares e as paisagens, bem como as fronteiras.

O atual quadro histórico-geográfico do planeta produz implicações diretas sobre os modos de vida da população, os usos do território e a constituição dos lugares, diante das possibilidades abertas pelo avanço das técnicas e das tecnologias ditas dóceis, como as tecnologias da informação. Tais

dispositivos passam a engendrar novas formas de realização e de manifestação dos processos políticos e culturais, reconfigurando as dinâmicas espaciais (Souza, 2019, p. 7).

O denominado “mundo novo”, ou novo espaço geográfico, tem sua gênese associada à complexidade do atual estágio do processo de globalização; que produz repercussões sobre todas as formas de uso do espaço, de modo que cada dinâmica espacial expressa, em diferentes escalas, aspectos da organização social em sua totalidade.

As diferentes leituras espaciais mobilizadas pela Geografia, em suas múltiplas especialidades, tendem a convergir, em determinado ponto, para a compreensão da organização humana em sua dimensão mais abrangente. Dessa forma, a cultura assume um papel de centralidade ampliada nos estudos geográficos contemporâneos, ao se constituir como elemento fundamental para a interpretação das práticas sociais, dos usos do território e da produção do espaço.

Straubhaar (2013, p. 62) afirma que:

Ainda mais em cultura, quando observamos que esses níveis interagem uns com os outros – assim como uma pessoa torna globalizada certa parte da sua vida, como a própria educação ou profissão – verifica-se que, inevitavelmente, ocorre em diálogo com os próprios interesses locais, as preferências musicais, ou até mesmo interesses religiosos ou filosóficos.

As conexões espaciais passam por uma metamorfose em suas dinâmicas, na medida em que o diálogo entre os diferentes atores e territórios institui novos marcos espaço-temporais na história da humanidade. Souza (2019) assinala que a interlocução entre a Geografia e a cultura não constitui um fenômeno recente, estando presente desde os estudos desenvolvidos pelas escolas da Geografia Tradicional, especialmente nos contextos alemão e francês.

O que se evidencia no atual estágio do processo de globalização é o aprofundamento dessa relação, na qual os elementos culturais tornam-se ainda mais indissociáveis das dimensões sociais e econômicas. Tal imbricação confere maior centralidade à cultura na análise geográfica, tornando-a fundamental para a construção de leituras espaciais mais consistentes e fidedignas à realidade contemporânea.

À luz das discussões apresentadas, evidencia-se que o espaço geográfico contemporâneo não pode ser compreendido dissociado das dinâmicas culturais que o atravessam. A centralidade assumida pela cultura na organização social reforça a necessidade de interpretar fenômenos aparentemente setoriais, como o espetáculo esportivo, enquanto expressões legítimas da produção espacial. Assim, compreender o futebol exige reconhecê-lo como prática inserida nas transformações globais do território, articulando técnica, mídia, poder e experiência social.

Isto posto, o subtópico a seguir apresenta a trajetória histórica e espacial dos espetáculos esportivos, evidenciando as continuidades simbólicas, políticas e territoriais entre as arenas da Antiguidade e os estádios do futebol contemporâneo.

4. DAS ARENAS ÀS ARENAS¹

O atual contexto dos grandes eventos esportivos não se configura de maneira espontânea, mas resulta de um longo percurso histórico, cujas transformações sociais, políticas e culturais contribuíram para sua consolidação. O espetáculo de massa pode ser compreendido como um importante objeto socioespacial, cuja dinâmica revela aspectos estruturantes das sociedades que o produzem e o consomem.

Grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo, frequentemente evocam referências históricas e simbólicas, estabelecendo uma ponte entre o presente e o passado. Tais eventos mobilizam imagens e narrativas que remetem à Antiguidade greco-romana, seja por meio das cerimônias de abertura transmitidas ao vivo, seja através de programas e reportagens que aproximam o público dessas tradições históricas (Garraffoni, 2008). Ou seja, os espetáculos esportivos contemporâneos mantêm vínculos com práticas e significados herdados de sociedades antigas.

No contexto do Império Romano, por exemplo, a oferta de espetáculos à população adquiriu um significado político ainda mais profundo. A centralização do poder na figura do imperador conferiu aos eventos públicos a função de ritual de legitimação e de construção de unanimidade em torno da ideia de Roma. Os espetáculos atuavam como instrumentos de integração social, reunindo diferentes grupos sociais, étnicos e políticos em um mesmo espaço simbólico (Corassin, 1997).

O patrocínio das apresentações passou a ser atribuição exclusiva do imperador ou de magistrados responsáveis pela organização, reforçando o caráter político dessas práticas. O circo, o anfiteatro e o estádio, por sua vez, reproduziam a estrutura social romana, abrigando senadores, cavaleiros, cidadãos comuns, homens livres, libertos e escravizados em um mesmo ambiente, ainda que hierarquicamente organizado (Corassin, 1997).

Segundo Garraffoni (2017), esses eventos continham um caráter sacro, diretamente vinculado às suas origens, uma vez que os espetáculos se configuravam como formas de tributo a deuses, heróis e semideuses do panteão greco-romano. Observa-se, igualmente, que os espaços destinados à realização dos espetáculos reproduziam de maneira fiel a organização social vigente, refletindo e reforçando as hierarquias próprias da sociedade romana.

Ferreira (2015) corrobora com essa interpretação ao afirmar que os espetáculos romanos não apenas fortaleciam as relações de poder estabelecidas, mas também incorporavam dimensões que extrapolavam o campo estritamente político, como nos jogos de gladiadores. Utilizados como punição exemplar aos criminosos, tais jogos consolidaram um significado religioso e ritualístico, na medida

¹ O título da seção remonta à arena greco-romana e a trajetória histórica até as atuais arenas esportivas.

em que o crime era compreendido como uma ruptura da ordem social compartilhada pelos cidadãos e sancionada pelos deuses tutelares, configurando-se como um sacrilégio.

Ao romper com a ordem da humanidade, o condenado tinha sua vida simbolicamente consagrada aos deuses e, destituído de *dignitas*, tornava-se passível de uso legítimo nos espetáculos públicos. Havia um propósito explícito de transformar a morte dos condenados em um evento de caráter exemplar, revestido de simbolismo religioso e de dominação, cuja função era o reforço, a manutenção e a ratificação das relações de poder.

A exposição pública da punição assegurava, para todas as categorias sociais, a restauração da ordem por meio da aplicação da pena considerada adequada. A imposição da dor física operava como mecanismo de equivalência simbólica entre o sofrimento causado pelo crime e a punição infligida ao condenado, atingindo não apenas a vítima direta, mas também seus familiares e a ordem pública. A publicidade intencionalmente cruel do sofrimento, materializada na agonia da arena e na exibição dos corpos mutilados acompanhados de inscrições que indicavam os crimes cometidos, reforçava o caráter pedagógico, ritualístico e disciplinador dos espetáculos romanos (Ferreira, 2015).

Os jogos de gladiadores realizados nos anfiteatros e arenas romanas evidenciavam elementos de múltiplas naturezas. Para além de suas funções políticas, já mencionadas, esses espetáculos incorporavam forte carga simbólica e operavam como mecanismos de dominação social, frequentemente de caráter intimidatório.

Garraffoni (2002) demonstra que o entretenimento, nesse período, cumpria o papel de manter a população ocupada e satisfeita, de modo que as formas de dominação política não provocavam grandes incômodos à sociedade romana. Para a autora, os espetáculos sangrentos eram percebidos como fonte de divertimento coletivo, o que evidencia a naturalização de práticas violentas no contexto cultural da época.

Não se pretende, aqui, discutir a razoabilidade desse tipo de diversão, mas ressaltar a importância de refletir sobre o espetáculo competitivo em suas origens históricas. Em determinados momentos da contemporaneidade, ainda é possível identificar resquícios dessa lógica primitiva quando se observam manifestações de violência simbólica e material associadas a determinados eventos esportivos.

A intensa carga de representatividade presente nos espetáculos romanos pode ser observada, em certos níveis, também no contexto do futebol contemporâneo. Granetto e Feitosa (2022), ao analisarem matérias jornalísticas referentes à Copa do Mundo de 2018, estabelecem paralelos entre o imaginário romano e a cobertura midiática do evento, destacando elementos como a corrupção dos governantes, os espetáculos públicos marcados por brutalidades, a sede por entretenimento por parte

do público e a apatia social associada à lógica do “pão e circo”. Tais elementos aparecem, em maior ou menor grau, nas narrativas produzidas em torno do megaevento esportivo.

No contexto romano, o espetáculo, orientado pela lógica do *panem et circenses*, contribuía para a produção de uma espécie de anestesia social. A massa popular buscava formas de entretenimento que não exigissem grandes esforços, criando um ambiente propício à manutenção do controle político. Nesse cenário, controvérsias e práticas autoritárias eram frequentemente ofuscadas pelos próprios espetáculos promovidos pelo poder imperial, reforçando a alienação já existente entre as camadas plebeias.

Gonçalves (2005) demonstra que tais características se repetem em diferentes momentos históricos, estando presentes na lógica dos espetáculos de massa. O autor estabelece paralelos com o futebol, especialmente em contextos nos quais seleções nacionais, como a Itália durante o período fascista, foram utilizadas como instrumentos de propaganda e de construção da fidelidade nacional. Tanto o futebol quanto os combates de gladiadores compartilham a lógica do espetáculo de massa e seus potenciais mecanismos de controle social.

O espetáculo não é apenas um fenômeno externo à sociedade, mas uma de suas expressões constitutivas. Conforme argumenta Debord (2003), o espetáculo é, simultaneamente, parte da sociedade, a própria sociedade e um instrumento de sua unificação. Ao concentrar o olhar e a consciência coletiva, ele produz uma unificação aparente, baseada em uma linguagem oficial que encobre e reproduz as separações sociais existentes.

A produção e a manutenção de formas de alienação social constituem, historicamente, elementos de interesse para determinados grupos dominantes, sobretudo em contextos marcados por profundas desigualdades. Isto posto, o espetáculo apresenta significativo potencial como instrumento de mediação social, uma vez que reúne grandes contingentes de indivíduos e amplia seu alcance simbólico e político.

Porém, é importante destacar que as leituras acerca do papel dos espetáculos variam de acordo com o contexto histórico. A saber, no período da Antiguidade romana, tais práticas possuíam um poder de controle ainda mais concentrado, em razão da inexistência de aparatos tecnológicos capazes de difundir o espetáculo em escalas espaciais mais amplas. O alcance estava, em grande medida, limitado à presença física dos espectadores nos espaços destinados aos eventos.

Na contemporaneidade, por sua vez, o espetáculo extrapola a dimensão *in loco*, passando a contar com o suporte das tecnologias de comunicação e informação, o que amplia de maneira significativa seu raio de difusão e sua capacidade de mobilização simbólica. Esse deslocamento tecnológico torna o espetáculo ainda mais eficaz em termos de alcance social e territorial, embora tal discussão demande aprofundamento específico, a ser desenvolvido em momento posterior.

No que se refere aos espaços de realização dos espetáculos, também se observam importantes continuidades históricas. A paisagem construída para esses eventos revela traços que remetem às antigas arenas greco-romanas, evidenciando permanências simbólicas e funcionais ao longo do tempo.

Para além do espetáculo entendido estritamente como evento, a própria arquitetura dos equipamentos esportivos expressa esse processo de continuidade e transformação. O Coliseu romano, um dos espaços mais emblemáticos e amplamente reconhecidos desse contexto, ilustra de maneira significativa as afinidades existentes entre as antigas arenas e os estádios atuais.

De acordo com Gonçalves (2008, p. 55):

O Coliseu (50 mil lugares) forma uma oval bem arredondada, onde no subsolo estavam as salas das feras e dos gladiadores, e havia o podium, onde ficava o camarote do Imperador e de sua família e convidados e os assentos com placas de mármore com os nomes de seus ricos ocupantes. Depois vinham três séries de arquibancadas (*maeniana*), divididas em seus quatro andares. Os gladiadores eram organizados em grupos, as famílias gladiatorias, chefiados por negociantes especializados em combates, os *lenistae*.

As descrições do Coliseu evidenciam semelhanças estruturais significativas em relação às arenas atuais, desde a macroestrutura arquitetônica até a disposição dos níveis de arquibancadas e dos espaços internos. Tais aproximações reforçam a ideia de continuidade histórica dos equipamentos destinados ao espetáculo coletivo, demonstrando a persistência de determinadas formas e funções. Conforme destacam Gaffney e Mascarenhas (2014), o estádio ocupou, ao longo dos séculos, um lugar singular na experiência coletiva e individual das sociedades ocidentais.

Com capacidade para cerca de 50 mil espectadores, essa monumental estrutura constituía um espaço central na reprodução social da capital de um vasto império. Os rituais públicos ali realizados eram momentos festivos oferecidos pelos governantes às massas, evidenciando o uso político desses espaços. Ao associar seu porte monumental e localização privilegiada às práticas de punição e violência ali realizadas, o Coliseu pode ser interpretado como um espaço de concentração, expressão e exercício do poder (Gaffney; Mascarenhas, 2014).

Além disso, os romanos utilizavam os estádios como marcas territoriais, o que pode ser constatado pela presença de vestígios de estruturas semelhantes nas cidades conquistadas ou fundadas pelo Império. Gaffney e Mascarenhas (2014) ressaltam a gênese dos estádios modernos na tradição greco-romana, novamente tomando o Coliseu como referência. A validação espaço-temporal desses equipamentos como objetos reveladores de dinâmicas socioespaciais torna-se evidente, uma vez que tais estruturas expressam, em sua materialidade, relações de poder e mecanismos de controle social.

No contexto brasileiro, a trajetória dos estádios de futebol também reflete as condições políticas e econômicas de cada período histórico. Segundo Gaffney (2015), enquanto o futebol se consolidava

como prática esportiva e cultural, a arquitetura dos estádios no país sofreu um processo de estagnação durante a ditadura militar.

Nos últimos anos do regime, a construção de grandes equipamentos esportivos perdeu sentido diante de um poder em declínio, além do fato de que a maioria das capitais e diversas cidades do interior já possuíam seus principais palcos esportivos. Com a hiperinflação e a transição para a democracia, esses estádios permaneceram como estruturas grandiosas em dimensão, mas modestas em termos de conforto e modernização.

Sob essa ótica, os estádios brasileiros podem ser interpretados como expressões materiais das condições socioeconômicas e políticas de seus contextos de produção. A precarização e o atraso no desenvolvimento dessas estruturas evidenciam as limitações econômicas do período e a estagnação do acesso ao lazer e à cultura. Tais edificações podem ser compreendidas como “rugosidades”, conceito elaborado por Santos (1985) para designar formas remanescentes no espaço, oriundas de períodos anteriores, que permanecem como testemunhos das dinâmicas históricas e espaciais.

A substituição desses estádios por arenas multiuso, contudo, representa um processo de apagamento dessas rugosidades. Ao demolir ou reformar profundamente essas estruturas para adequá-las a padrões globais de consumo, não se elimina apenas um edifício, mas também as práticas sociais e os significados historicamente associados a ele. Trata-se de uma ruptura na memória do lugar, que passa a ser reorganizado segundo uma lógica empresarial e padronizada.

As arenas multiuso podem ser definidas como “centros modernos que agregam atividades e estruturas de esporte, lazer, cultura e serviços diversos” (Motta, 2012, p. 23). Esse modelo está associado a processos de gentrificação e exclusão social, dado que as novas estruturas elevam os preços, segmentam o público e impõem normas que afastam as torcidas populares.

Dessa forma, o espaço antes marcado pelo encontro e pelo pertencimento coletivo transforma-se em um ambiente seletivo, voltado a consumidores de maior poder aquisitivo, revelando que a modernização dos estádios pode implicar, na prática, o apagamento de memórias e territorialidades populares.

O esporte constitui uma dimensão complexa e multifacetada da realidade social, cujo entendimento exige o aporte teórico-metodológico de diferentes campos do conhecimento. Para Mascarenhas (1999), apenas um esforço inter e transdisciplinar é capaz de abarcar um fenômeno social tão permeado por variáveis políticas culturais, sociais e econômicas.

Nesse contexto, a Geografia, enquanto ciência dedicada ao estudo dos lugares e das relações entre sociedade e base territorial, pode contribuir significativamente para a análise do fenômeno esportivo, ao mesmo tempo em que enriquece suas próprias interpretações sobre a dinâmica espacial.

A partir dessas considerações, evidencia-se o potencial analítico dos equipamentos esportivos e dos espetáculos associados a eles como objetos de investigação geográfica. Os espaços destinados ao espetáculo público carregam consigo uma expressiva carga socioespacial, revelando, desde suas origens, traços do ordenamento territorial e das relações de poder vigentes em cada contexto histórico.

A evolução desses espaços acompanha as transformações da própria sociedade: se, no contexto romano, os interesses políticos se manifestavam de forma explícita nas arenas e anfiteatros, no Brasil das décadas de 1970 e 1980, a estagnação dos estádios refletia as condições políticas e econômicas do período.

O espetáculo esportivo, especialmente em seus espaços de realização, deixa marcas visíveis das dinâmicas espaço-temporais às quais está vinculado, reafirmando seu valor e potencial científico no âmbito das ciências humanas e sociais. Evidencia-se, assim, a relevância da cultura do futebol como objeto acadêmico, especialmente no contexto brasileiro, no qual se abrem múltiplas possibilidades de abordagem, entre as quais a Geografia ocupa lugar de destaque.

A trajetória histórica aqui delineada permite compreender que os espaços do espetáculo não constituem meros suportes físicos de eventos esportivos, mas dispositivos socioespaciais que condensam relações de poder, formas de controle social e processos de construção simbólica. A continuidade entre as arenas da Antiguidade e os estádios contemporâneos não se limita à arquitetura: ela se manifesta na permanência do espetáculo como mediador entre massas e estruturas de poder.

No entanto, na contemporaneidade, essa mediação assume novas escalas e intensidades, especialmente em razão da hipermediação tecnológica e da mercantilização das arenas. Para Silva (2024, p. 301), “A hipermediação, ao estimular a multiplicidade dos meios, permite que o usuário vivencie a experiência do meio como uma experiência autêntica”. É nesse ponto que a análise cultural se torna indispensável para compreender as reconfigurações espaciais do futebol.

A hipermediação das arenas pode ser compreendida como um processo no qual o espetáculo esportivo passa a ser estruturado por múltiplas camadas simultâneas de mediação tecnológica, comunicacional e mercadológica, redefinindo a relação entre espaço, presença e experiência. Não se trata apenas da ampliação dos meios de transmissão, mas da incorporação da lógica midiática à própria materialidade arquitetônica e funcional dos estádios atuais. Segundo Bolter e Grusin (2000, p. 34), “A hipermediação procura reproduzir a riqueza sensorial da experiência humana ao multiplicar os signos da mediação”.

Se o estádio tradicional se configurava como lugar de presença, marcado pela intensidade sensorial e pela densidade simbólica da reunião física dos torcedores, a arena multiuso emerge como dispositivo espacial concebido já em articulação com fluxos digitais, plataformas de *streaming* e redes sociais. Nesse novo arranjo, o evento esportivo passa a integrar um sistema comunicacional

expandido, característico da cultura da convergência (Jenkins, 2009), no qual múltiplas plataformas operam simultaneamente na produção e circulação do espetáculo, que se torna globalizado.

Posto isto, a arena não é apenas cenário do espetáculo, mas infraestrutura de conectividade. Telões interativos, aplicativos oficiais, experiências imersivas e transmissão multiplataforma convertem o evento esportivo em experiência expandida, articulando presença física e participação digital. A espacialidade do futebol torna-se híbrida: simultaneamente localizada e desterritorializada. Tal processo pode ser interpretado à luz da noção de multiterritorialidade proposta por Haesbaert (2014), segundo a qual sujeitos e práticas passam a habitar territorialidades sobrepostas.

A hipermediação implica uma reconfiguração das territorialidades do torcer. O pertencimento deixa de estar exclusivamente ancorado na proximidade física e passa a ser performado também em ambientes digitais, onde interações em rede produzem comunidades simbólicas dispersas geograficamente, mas coesas culturalmente. A arena física articula-se a arenas virtuais, constituindo um sistema integrado de produção simbólica.

Do ponto de vista da Geografia Cultural, essa transformação evidencia que o espetáculo esportivo opera como agente ativo na produção do espaço. A arena multiuso materializa a convergência entre cultura, técnica e mercado, inscrevendo na paisagem urbana as marcas da economia política da comunicação esportiva (Giulianotti, 2015).

A seguir, serão discutidos os fundamentos do conceito de cultura e sua incorporação ao pensamento geográfico.

5. A CULTURA E A GEOGRAFIA CULTURAL

As questões culturais são identificáveis em diferentes momentos da trajetória do pensamento geográfico. Mesmo em abordagens clássicas, como na obra de Friedrich Ratzel, já se observava a presença da dimensão cultural como elemento constitutivo das análises espaciais. Na *Antropogeographie* ratzeliana, o estudo da cultura humana aparece como intrínseco à ciência geográfica, na medida em que se manifesta nos traços deixados pelo ser humano sobre o meio. Contudo, a expressão cultural comporta múltiplas possibilidades interpretativas, sendo objeto de concepções diversas, tanto no âmbito científico quanto no senso comum (Sauer, 1997).

Definir o conceito de cultura, entretanto, não constitui tarefa simples. Trata-se de uma categoria analítica que mobiliza interesses multidisciplinares, sendo estudada em campos como a sociologia, a antropologia, a história, a comunicação, a administração e a economia, entre outros. Em cada uma dessas áreas, o conceito é abordado a partir de enfoques distintos, o que reflete seu caráter transversal e sua presença em diferentes dimensões da vida cotidiana (Canedo, 2009).

A cultura configura-se como um termo recorrente no cotidiano social, empregado em múltiplos contextos e com significados variados. Sua manifestação se faz presente, de forma direta ou indireta, em toda a construção espacial do planeta. No contexto da globalização, essa presença torna-se ainda mais evidente, uma vez que os elementos culturais se articulam de maneira cada vez mais estreita com os fatores sociais e econômicos que estruturam a produção do espaço.

Do ponto de vista etimológico, a palavra cultura deriva do verbo latino *colere*, que remete às ideias de cultivo e cuidado. Inicialmente, o termo estava associado ao cultivo da terra, origem da palavra agricultura, ao cuidado com as crianças, puericultura e ao culto aos deuses e ao sagrado. Para Chaui (2008), a cultura era concebida como uma ação voltada à realização das potencialidades de algo ou de alguém, implicando o fazer brotar, frutificar e florescer.

Essa origem etimológica revela uma proximidade significativa entre o conceito de cultura e o espírito geográfico, sobretudo pela relação direta estabelecida entre o ser humano e o meio que habita e transforma. A cultura, nesse sentido, constitui um elemento fundamental para a compreensão das formas de apropriação, uso e significação do espaço.

A pluralidade constitui um traço inerente ao conceito de cultura, sendo mais adequada a utilização do termo no plural do que no singular. Como argumenta Tilio (2009), a concepção singular de cultura tende a sugerir a existência de um padrão homogêneo, capaz de representar de maneira uniforme grupos sociais diversos. A noção de culturas, por outro lado, permite reconhecer a multiplicidade de práticas, valores e significados que caracterizam as diferentes formações sociais e seus respectivos contextos espaciais.

Indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social, ainda que definidos por critérios como localidade, etnia ou hábitos, participam de diferentes culturas, algumas compartilhadas e outras não. Tylor (2014) compreende a cultura como um conjunto complexo que abrange conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano enquanto membro da sociedade. Esse conceito é considerado paradigmático, por constituir uma das primeiras formulações sistemáticas do termo no âmbito da antropologia social.

Na mesma direção, Botelho (2001) afirma que a cultura se constrói a partir das interações sociais, por meio das quais os indivíduos elaboram modos de pensar, sentir, ser e agir, constroem valores, modelam identidades e estabelecem rotinas. Cada sujeito, nesse processo, organiza ao seu redor pequenos universos de sentido que lhe proporcionam certa estabilidade simbólica.

De forma semelhante, Boas (1930) define a cultura como o conjunto de manifestações das tradições sociais de um grupo, incluindo tanto as reações dos indivíduos aos costumes coletivos quanto os produtos derivados dessas práticas.

No senso comum, o conceito de cultura frequentemente assume significados restritos, associados à erudição, à formação intelectual ou à instrução formal. Da Matta (1982) observa que, ao se classificar um indivíduo como “culto”, geralmente se faz referência à sua capacidade de compreender determinados temas a partir do acúmulo de leituras, informações e títulos acadêmicos. Nesse uso corrente, a cultura tende a ser confundida com inteligência ou com habilidades cognitivas específicas, reduzindo-se a um atributo individual, e não a um fenômeno social mais amplo.

No campo científico, por outro lado, a noção de pluralidade cultural é praticamente consensual. Núñez e Villalba (2020) ressaltam que o conceito de cultura busca abarcar a maior diversidade possível de práticas e significados, partindo do princípio de que todos os povos são produtores de cultura. Assim, todos os grupos sociais possuem culturas próprias, não havendo hierarquias intrínsecas que estabeleçam superioridade ou inferioridade entre elas.

No âmbito sociológico, Botelho (2001) diferencia a cultura cotidiana daquela produzida em esferas especializadas. A dimensão sociológica da cultura corresponde a produções elaboradas com a intenção explícita de construir sentidos e alcançar determinados públicos por meio de formas específicas de expressão. Para que isso ocorra, são necessárias condições sociais que possibilitem o desenvolvimento das capacidades individuais, bem como canais de difusão que permitam a manifestação dessas produções.

No interior da Geografia, a noção de pluralidade cultural também orienta as discussões teóricas. Mikesell e Wagner (2003) apontam que o conceito de cultura envolve a presença de comunidades ou grupos sociais que ocupam, em geral, espaços contínuos e relativamente amplos, em oposição a uma leitura centrada apenas em indivíduos isolados ou em atributos pessoais.

A atual produção geográfica cultural encontra-se fortemente vinculada ao paradigma humanista. Essa corrente apresenta influências marcantes da fenomenologia, enfatizando a percepção, os valores e as experiências humanas como elementos centrais da análise espacial (Filho, 1999). A abordagem cultural no interior da Geografia não constitui um fenômeno recente, mas resulta de um percurso epistemológico influenciado pelos diferentes paradigmas e correntes que marcaram a disciplina em seus respectivos contextos históricos.

A Geografia Cultural tem proposto uma leitura do espaço que incorpora elementos sensoriais, afetivos e simbólicos, ampliando o escopo analítico para além de fatores estritamente pragmáticos. Claval (2001) argumenta que a análise geográfica não separa os grupos sociais de seus territórios, uma vez que a organização espacial, a extensão das redes de intercomunicação e as formas de lidar com a distância constituem aspectos centrais para a compreensão das culturas.

Influenciada pelo paradigma humanista, a abordagem cultural do espaço enfatiza o diálogo entre o indivíduo e o meio, considerando as percepções e impressões pessoais como componentes

relevantes para o estudo geográfico. Sob essa ótica, a cultura torna-se um elemento interpretativo de grande valor para diversas especialidades da disciplina.

Como destaca Claval (2011), a Geografia Cultural permite compreender uma série de conflitos sociais em diferentes escalas, desde o nível local até o internacional, contribuindo também para a análise de fenômenos como fundamentalismos, movimentos religiosos e disputas em torno do patrimônio.

Ao confrontar as ideias de Da Matta (1982) e Claval (2011), percebe-se que ambos tratam o futebol como fenômeno cultural, porém a partir de enfoques distintos. O primeiro autor interpreta o futebol como um sistema simbólico que revela as estruturas sociais e as identidades da sociedade brasileira, enfatizando sua dimensão ritual e representativa. Já o segundo, no campo da Geografia Cultural, entende a cultura como prática espacial, destacando como os significados se materializam nos lugares, nas paisagens e nas territorialidades.

Dessa forma, a Geografia Cultural demonstra potencial para elucidar questões que atravessam diferentes campos do conhecimento, em virtude de sua abordagem específica. Ao incorporar dimensões afetivas, simbólicas e psicológicas, essa perspectiva desloca o foco analítico para elementos frequentemente negligenciados por outras vertentes da Geografia. Tal enfoque possibilita a construção de interpretações espaciais mais complexas e abrangentes, além de revelar relações causais que, de outra forma, permaneceriam ocultas. Ademais, permite deslocar o debate do campo exclusivamente sociológico para uma leitura espacial das experiências coletivas.

No subtópico a seguir, discutimos o futebol como uma manifestação cultural capaz de produzir e revelar espacialidades, destacando sua relação com identidades, paisagens, territórios e experiências coletivas, à luz da perspectiva da Geografia Cultural.

6. O FUTEBOL COMO EXPRESSÃO CULTURAL DO ESPAÇO

A cultura configura-se como um conceito intrinsecamente relacionado à noção de grupos sociais, uma vez que suas manifestações emergem das práticas, valores e significados compartilhados no interior dessas coletividades. Diante disso, o futebol apresenta-se como um exemplo expressivo de manifestação cultural, reunindo elementos simbólicos, identitários e sociais que o tornam um fenômeno de grande relevância para a análise geográfica.

Claval (2001) denota que a análise cultural na Geografia tem como finalidade compreender a experiência humana no meio natural e social, bem como os significados que os indivíduos e grupos atribuem ao ambiente em que vivem. Trata-se de um enfoque que busca interpretar o sentido das práticas sociais e das representações construídas pelos sujeitos, articulando, em sua metodologia, tanto as representações mentais quanto as reações subjetivas no processo de análise espacial.

Isto é evidenciado, por exemplo, a partir da representação espacial dos estádios de futebol, os quais refletem, de forma direta, condições e arranjos sociais preexistentes. Santos (2014) destaca que, ao longo da história, o perfil dos públicos presentes nos estádios foi ressignificado diversas vezes, acompanhando as transformações socioespaciais de cada período. A saber, fatores como a localização dos estádios, influenciavam de maneira significativa a composição social de seus frequentadores, evidenciando a estreita relação entre espaço, sociedade e cultura.

No Brasil, o futebol consolidou-se como um elemento central da cultura nacional, principalmente no que se refere às dimensões subjetivas e simbólicas de suas práticas. Rinaldi (2000) argumenta que o esporte se associa a aspectos como a transgressão de regras, as tensões entre ordem e desordem e a aproximação dos torcedores a experiências festivas relacionadas ao prazer e ao lazer. Esses momentos, marcados por paixão e alegria, contribuem para a construção de identidades coletivas, explicando a profunda identificação entre o povo brasileiro e o futebol.

Soares (2003) afirma que o futebol constitui uma síntese da cultura nacional, além de destacar que os espaços futebolísticos funcionam como locais de encontro entre diferentes grupos sociais. Tal constatação suscita o questionamento acerca da natureza desses encontros: seriam eles territorializados e segmentados entre grupos distintos, ou configurariam espaços relativamente homogêneos? A partir dessa problematização, torna-se possível aproximar o futebol de outra importante categoria de análise geográfica: o território.

A paisagem também se apresenta como um elemento de estreita relação com o futebol e seus agentes. Lynch (2010) argumenta que a arquitetura pode influenciar diretamente as ações e os comportamentos dos indivíduos que utilizam determinados espaços, já que a composição física e visual desses recortes espaciais atua sobre a percepção e a experiência dos usuários. O arranjo de elementos arquitetônicos e visuais, portanto, interfere na forma como os indivíduos interpretam e se relacionam com o espaço.

Brito (2018) complementa essa visão ao destacar que a arquitetura esportiva, especialmente aquela voltada ao futebol, apropriou-se ao longo do tempo de morfologias experimentadas na Antiguidade Clássica para conceber edificações nas quais convivem evento e espectador. Essas estruturas possuem uma dimensão simbólica secular e, dependendo de sua configuração e das forças sociais que as atravessam, podem inclusive produzir processos de segregação socioespacial.

Diante disso, a paisagem futebolística revela um conjunto expressivo de feições relacionadas aos grupos sociais que a produzem e vivenciam. A noção de paisagem cultural como produto da interação humana remonta aos estudos vidalianos e permanece como referência importante para a análise geográfica (Zanatta, 2008).

As marcas presentes nas paisagens associadas ao futebol evidenciam a dimensão espaço-temporal da organização social, perceptível, por exemplo, nas arquiteturas dos equipamentos esportivos. Nessas estruturas, a herança das antigas arenas de combate torna-se visível, revelando a metamorfose histórica dos espaços destinados às competições públicas e ao entretenimento das massas.

No entanto, a dimensão reveladora da paisagem futebolística não se restringe aos aspectos visuais. Marra (2009) introduz a ideia de *ritornelo* para compreender as múltiplas camadas sensoriais do futebol, que incluem os sons das torcidas, do jogo, das transmissões radiofônicas e televisivas, bem como as conversas em bares ou ambientes domésticos. Esses elementos compõem diferentes recortes da experiência futebolística, formando uma paisagem sonora complexa, cuja duração pode variar desde um lance específico até uma temporada inteira.

O espetáculo esportivo constitui um campo privilegiado de manifestações sensoriais do espaço. A paisagem futebolística é marcada por traços diversos da sociedade que a produz. Vilela-Ardenghi (2015) demonstra que até mesmo aspectos morfoclimáticos se expressam nessa dimensão, como nos trajes utilizados pelos torcedores e na disposição corporal dos indivíduos nos estádios. Tais elementos carregam forte carga simbólica, como no caso dos uniformes das torcidas organizadas, cujos adereços e cores reforçam identidades coletivas.

A dimensão simbólica remete diretamente à construção afetiva dos lugares, aproximando-se do conceito de topofilia. Yi-Fu Tuan (2013) define lugar como qualquer localidade que adquire significado para uma pessoa ou grupo, enfatizando o vínculo emocional entre sujeitos e espaços.

Destarte, a formação histórica dos clubes de futebol, desde o século XIX, está profundamente associada a sentimentos de pertencimento. Muitos clubes surgiram a partir de comunidades religiosas, grupos operários, estudantes, moradores de determinados bairros ou representantes de identidades nacionais específicas, como exemplificam os casos de Glasgow Rangers e Celtic, Bangu Athletic Club, Newell's Old Boys, Boca Juniors, Milan, Vasco da Gama e Palmeiras (Fonseca, 2016).

Os clubes de futebol revelam identidades coletivas associadas aos espaços de inserção social. As rivalidades entre equipes frequentemente extrapolam o campo esportivo, envolvendo dimensões políticas, religiosas, étnicas e nacionalistas. Nesse contexto, os clubes e seus espaços circundantes configuram-se como reflexos diretos da construção de lugares, reforçando o caráter geográfico dos fenômenos futebolísticos.

Cabe ressaltar que tais conceitos não se aplicam apenas aos estádios e espaços diretamente controlados pelos clubes, mas também a outras localidades inseridas na rede de relações do futebol, como bares, praças, ruas e salões, onde se constroem experiências coletivas vinculadas ao esporte.

Para Frank (2014) a Geografia dos esportes dedica-se ao estudo das atividades esportivas e de sua distribuição espacial, identificando padrões de difusão e institucionalização. As formas espaciais associadas ao esporte funcionam como testemunhos das transformações ocorridas ao longo do processo de desenvolvimento territorial, carregando as singularidades de cada contexto histórico e social.

Höfig e Bragueto (2013) reforçam essa relação ao destacar a estreita ligação entre geografia e esporte no que se refere ao território e ao espaço. As práticas esportivas estão associadas a processos de transformação e urbanização, dependendo de fatores como topografia e relevo para a definição das modalidades viáveis. Além disso, ao longo da história, a construção de áreas de lazer esteve frequentemente relacionada a processos de valorização e elitização espacial.

Diante dessas considerações, evidencia-se a capacidade analítica da Geografia Cultural para compreender a dinâmica do futebol, dado seu caráter social e espacial. As discussões fundamentadas nas categorias geográficas reforçam essa perspectiva, ao demonstrar a estreita relação entre essa ciência e os múltiplos atores e práticas inseridos no universo futebolístico. Mas, segundo Bale (1994, p. 4), "mesmo no vasto campo da geografia cultural os esportes permanecem ignorados".

Desta maneira, o futebol revela-se como prática cultural produtora de espacialidades múltiplas, atravessando escalas que vão do bairro ao circuito global de entretenimento. Seus espaços (estádios, arenas, bares, ruas) não apenas refletem dinâmicas sociais preexistentes, mas também as reorganizam, produzindo novas territorialidades e redefinindo experiências de pertencimento. A transformação dos estádios em arenas multiuso sintetiza esse processo, ao evidenciar a tensão entre memória, identidade e mercantilização do espaço. Logo, o futebol consolida-se como objeto privilegiado para a análise geográfica contemporânea.

Neste sentido, apresentamos, a seguir, as considerações finais da pesquisa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo partiu da indagação acerca de como a transformação dos estádios tradicionais em arenas multiuso reconfigura as espacialidades do futebol e a experiência cultural do torcer na contemporaneidade, à luz da Geografia Cultural. A análise realizada permite afirmar que tal transformação não se limita a alterações arquitetônicas ou funcionais, mas implica uma profunda reconfiguração simbólica, territorial e comunicacional do espetáculo esportivo.

Os resultados indicam que os estádios tradicionais configuravam-se como lugares densamente marcados pela copresença, pela territorialidade afetiva e pela produção coletiva de sentidos. Já as arenas multiuso emergem como dispositivos espaciais integrados a lógicas empresariais, midiáticas e digitais, inserindo o futebol em um sistema de hipermediação que articula presença física e circulação

virtual. Nesse processo, observam-se mudanças nas práticas do torcer, na composição do público, nas formas de apropriação do espaço e na produção de novas territorialidades, inclusive digitais.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui ao propor uma leitura da hipermediação das arenas como categoria analítica capaz de articular as noções de lugar, paisagem, territorialidade e memória às transformações contemporâneas do espetáculo esportivo. Ao deslocar o foco das análises predominantemente sociológicas ou econômicas para uma abordagem fundamentada nas categorias da Geografia Cultural, a pesquisa amplia o entendimento do futebol como fenômeno espacial complexo e multifacetado.

A principal contribuição científica reside, portanto, na consolidação do futebol e, especificamente, da metamorfose dos estádios em arenas, como objeto legítimo de investigação geográfica, evidenciando que tais espaços constituem laboratórios privilegiados para compreender as dinâmicas contemporâneas de mercantilização, mediação e produção de novas espacialidades.

Para a Geografia Cultural, o estudo reforça a pertinência de investigar práticas culturais de grande alcance social como formas de produção do espaço e de construção de identidades coletivas. Ademais, abre caminhos para pesquisas futuras que aprofundem as relações entre esporte, mídia digital e territorialidades virtuais, bem como investigações empíricas que analisem casos específicos de arenas no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

BALE, J. **Sports Geography**. London: E. & F.N. Spon, 1989. 208p.

BOAS, F. Anthropology. In: SELIGMAN, E. R. A (Ed.) **Encyclopaedia of the Social Sciences**. New York: MacMillan, 1930, p. 73-110.

BOLTER, J.; GRUSIN, R. **Remediation: understanding new media**. Massachusetts: MIT Press, 2000. 312p.

BOTELHO, I. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, n. 2, p. 73-83, 2001.

BRITO, P. A. F. **Segregação socioespacial inerente à arquitetura do futebol: aspectos de causalidade e a morfologia do novo mineirão**. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

BRUNET, R.; FERRAS, R.; THÉRY, H. **Lés mots de la Géographie: dictionnaire critique**. Reclus-La Documentation Française, 1993. 518p.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. 456p.

_____. Geografia Cultural: um balanço. **Geografia (Londrina)**, v. 20, n. 3, p. 05-24, 2011.

CANEDO, D. Cultura é o quê? Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. **Venecult**, v. 5, p. 1-14, 2009.

CHAUI, M. Cultura e democracia. **Crítica y emancipación**: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, v. 1, n. 1, p. 53-76, 2008.

CORASSIN, M. L. Edifícios de espetáculos em Roma. **Clássica**: revista brasileira de estudos clássicos, v. 9, n. 9/10, p. 119-131. 1996/1997, 1997.

DA MATTA, R. Você Tem Cultura? **Jornal da Embratel**, Rio de Janeiro, p. 1-4, set. 1982. Disponível em: <https://www.furb.br/2005/arquivos/788660-650601/voce%20tem%20cultura.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2025.

_____, R. **Universo do futebol**. Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982. 124p.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Ebooksbrasil.Com, 2003. 238p.

FERREIRA, K. S. B. A Economia Romana Revisitada: os espetáculos e sua relação com a economia da cultura. **Nearco–Revista Eletrônica de Antiguidade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p. 47-58, 2015.

FERREIRA, F. C. **O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras**: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã. 2017. 437 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FILHO, O. B. A. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n. 21, p. 67-87, 1999.

FONSECA, V. L. B. Clubes de futebol: lugares e territórios possíveis. **Revista Interface**, Porto Nacional, n. 11, 2016.

FRANK, B. Introdução às Teorias da Geografia dos Esportes: um esboço inicial. **Efdeportes.Com Revista Digital**, Buenos Aires, v. 188, n. 18, p. 1-8, 2014.

GAFFNEY, C.; MASCARENHAS, G. A festa acabou? Está começando? Os novos estádios de futebol e a disciplina socioespacial. In: HOLANDA, B. B. B.; ROCHA, L. G. B. S. P.; ALVITO, M. **Desvendando o jogo**: nova luz sobre o futebol. Niterói: EDUFF, 2014.

GAFFNEY, C. Arenas de Conflito: os processos conflituosos durante a preparação para a copa do mundo no brasil. In: SANTOS JÚNIOR, O. A.; GAFFNEY, C.; RIBEIRO, L. C. Q. (orgs.). **Brasil**: os impactos da copa do mundo 2014 e das olimpíadas 2016. Rio de Janeiro: E-Papers, 2015. p. 185-202.

GIULIANOTTI, R. **Sport**: a critical sociology. Cambridge: Polity Press, 2015. 296p.

HAESBAERT, R. **Viver no limite**: território e multiterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 422p.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009. 432p.

NÚÑEZ, D. I. P.; VILLALBA, N. A. N. **Güicán:** patrimonio e historia, prácticas ancestrales, campo y cosmos. 2020. 50 f. Monografía (Especialização em Gerencia y Gestión Cultural) - Universidad del Rosario, Bogotá, 2020.

GARRAFFONI, R. S. Gladiadores romanos: alguns aspectos dos espetáculos na arena nos primórdios do Principado. **Semina:** Ciências Sociais e Humanas, v. 23, n. 1, p.101-106, 2002.

_____. Arenas Antigas e Estádios Modernos. **Recorde:** Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 01, n. 01, p. 1-15, 2008.

_____. Memória, poder e religiosidade nas arenas romanas no início do Principado. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 2, n. 4, p. 361-374, 2017.

GONÇALVES, A. Futebol e Política. **Metacrítica**, v. 3, p. 2, 2005.

GONÇALVES, A. Jogos e festas no alto império romano: Alegria, sacralidade e identidade. **Experiências Politeístas**, v. 1, p. 52-62, 2008.

GRANETTO, D. R. D.; FEITOSA, L. C. Representações Do Conceito “Pão e Circo” Em Roma e no Brasil: um estudo comparativo. **Phoînix**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 28, p. 163-178, 2022.

HÖFIG, P.; BRAGUETO, C. R. Considerações sobre Geografia e Futebol: produção do espaço urbano e apropriação do território. **Terr@ Plural**, v. 7, n. 1, p. 79-92, 2013.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 240p.

MARRA, P. S. Paisagens Sonoras do Futebol: som e esporte em uma metrópole Lationoamericana. **Razón y palabra**, n. 69, 2009.

MASCARENHAS, G. À Geografia dos Esportes: uma introdução. **Scripta Nova:** revista electrónica de geografia y ciencias sociales, 1999.

_____. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões**, v. 1, n. 2, p. 46-46, 1999.

_____. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e cultura**, n. 19-20, p. 61-70, 2005.

POLON, L. C. K. Espaço Geográfico: Breve discussão teórica acerca do conceito. **Revista Geográfica Acadêmica**, v. 10, n. 2, p. 82-92, 2016.

RINALDI, W. Futebol: manifestação cultural e ideologização. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000.

SANTOS, I. S. C. O público dos estádios: marcos históricos da atual elitização e arenização do futebol brasileiro. In: XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. 16. 2014. João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2014.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. 280p.

SAUER, C. O. Geografia cultural. **Espaço e cultura**, n. 3, p. 1-7, 1997.

SILVA, L. S. Reflexões acerca da remediação no consumo de experiência na Comic Con experience. **Revista Mídia & Cotidiano**, v. 18, n. 3, 2024.

SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. R. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, 2003.

SOUZA, M. A. A. Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: ensaio geográfico sobre o espaço banal. **PatryTer**, v. 2, n. 4, 2019.

STRAUBHAAR, J. Sedimentada, híbrida e múltipla? A nova geografia cultural das identidades. **Matrizes**, v. 7, n. 1, p. 59-93, 2013.

TILIO, R. Reflexões acerca do conceito de cultura. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 28, p. 35-46, 2009.

TUAN, Y. F. Espaço e lugar: A perspectiva da experiência. São Paulo: Edue, 2013. 248p.

TYLOR, E. B. **A ciência da cultura**. Rio de Janeiro: Expresso Zahar, 2014. 62p.

VILELA-ARDENGHI, A. C. O “verdadeiro” futebol brasileiro: estereótipo e discurso. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 44, n. 3, p. 918-927, 2016.

MIKESELL, M. W.; WAGNER, P. L. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27-63.

MOTTA, J. R. C. G. O negócio das arenas: profissionalismo esportivo, cultura e entretenimento. **Future Studies Research Journal**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 21-48, 2012.

ZANATTA, B. A. A Abordagem Cultural na Geografia. **Temporais (ação) (UEG)**, v.1, p. 249-262, 2008.